

Mandel prega rompimento com FMI

O economista Ernest Mandel, que chegou ao Rio anteontem, acha que solução para os problemas dos países do Terceiro Mundo e dos países industrializados que têm desequilíbrio no balanço de pagamentos está no rompimento com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e na criação de um sistema de pagamento das dívidas externas por compensação (*clearing*).

Em um sistema de compensação mundial, os países receberiam um crédito ou débito, a favor ou contra, ao realizarem trocas comerciais e operações financeiras. A forma de pagamento dos débitos proposta por Mandel é a do pagamento em mercadorias, ao invés do realizado em dólar ou outra divisa conversível, como o franco suíço.

— Os países do Terceiro Mundo e os países desenvolvidos que têm dívidas externas elevadas estão aceitando a austeridade e a recessão impostas pelo FMI apenas porque querem. Têm medo de cortar os laços com o sistema financeiro internacional, que está completamente falido, pois o mundo de hoje é um mundo de endividados — comentou o economista belga.

De acordo com Ernest Mandel, “bastam 10 países endividados, entre eles o Brasil, o México, a França, a Índia, a Espanha e a Argentina, para alterarem o quadro atual, caso aceitassem romper com a lógica absolutamente ilógica do sistema. Esses países teriam somente que cortar relações com o Fundo, deixando de aceitar a política econômica que essa instituição impõe em troca de seu crédito e seu aval junto aos banqueiros internacionais. E o segundo passo seria o da criação da câmara de compensação”.

O mundo endividado

Mandel está no Rio para participar do I Congresso Internacional de Política Econômica que será realizado do dia 12 ao dia 17 de agosto, no Hotel Glória, sob a promoção da Faculdade Estácio de Sá e da Fundação Escola de Serviço Público (FESP-RJ). O evento conta com o apoio do Instituto de Economistas do Rio de Janeiro — IERJ e do Instituto de Cooperação Ibero-Americano e com a colaboração do JORNAL DO BRASIL.

— De certa forma — comenta Mandel — a crise financeira mundial não foi gerada pela crise dos países da América Latina. Essa crise, que é uma crise geral de dívidas, aparece em todos os setores e segmentos da economia internacional. As despesas públi-

cas foram cada vez mais financiadas por crédito, ao longo dos últimos anos; as grandes firmas capitalistas se endividaram, assim como os governos ocidentais desenvolvidos, os semi-industrializados e os consumidores. Todos hoje estão endividados até o pescoço.

— E hoje também é uma dívida que sustenta o frágil equilíbrio do sistema econômico internacional: o déficit orçamentário dos EUA e o déficit comercial desse país, que estão permitindo o aumento das exportações dos países endividados e transformando os Estados Unidos no maior devedor do mundo. Os EUA têm uma dívida pública de 1,5 trilhão de dólares, 15 vezes superior à dívida do Brasil.

A recuperação

Diante desse quadro de falência geral, na opinião de Mandel os países do Terceiro Mundo e os industrializados que têm problemas de balanço de pagamentos não devem aceitar as regras impostas pelo FMI, instituição que está tendo a função apenas de fazer com que esses países paguem suas dívidas em dólares ou divisas conversíveis, para que não recaim sobre os governos industrializados, os bancos, e as populações desenvolvidas.

A forma proposta pelo Fundo de pagamento de dívidas, através do equilíbrio do balanço de pagamentos, segundo o economista belga, é uma “verdadeira espiral sem saída”. Todos os países endividados devem ampliar as exportações e reduzir as importações, só que assim vai ficando cada vez mais difícil exportar, a não ser para os EUA, que está aceitando conviver com elevado déficit comercial.

— Essa política do FMI é absolutamente paradoxal. Ao exigir recessão e controle das importações, cada vez mais o Fundo está impedindo que os países semi-industrializados produzam, gerem empregos e produtos para terem condições de pagar as dívidas em mercadorias.

Os países do Terceiro Mundo, para Mandel, deveriam fazer o contrário: deixar o déficit fiscal se elevar, para que se transformasse em investimentos, produção, emprego. Déficit fiscal só é um fenômeno ruim, disse ele, se os recursos forem utilizados para alimentar operações especulativas ao invés de serem alocados na produção. Quanto à inflação, Mandel tem a seguinte posição:

— Inflação nenhuma é pior do que o empobrecimento de uma população, a falta de empregos, a queda na produção.